

★ OS TRÊS MANDARINS COMILÕES E O ENGENHO DO POVO MAGRO

Uma fábula chinesa de Augusto Boal

Eram três mandarins. Eram três comilões. Eram três homens maus. Todos os três possuíam sete palácios, setenta carruagens, setecentos criados, sete mil guarda-costas e reinavam sobre sete milhões de camponeses. Tinham nomes parecidos: Kuo Min, Min Tang e Tang Kuo. Tinham barrigas parecidas: mediam 7 metros e 70 centímetros de circunferência. Tinham bocas parecidas: Quis o destino que tivessem três pares de caninos de cada lado. Não se sabe por quê. Mas era assim. Não minto. Embora esta história possa parecer um pouco exagerada, eram três mandarins exagerados.

Por exemplo, exageravam no luxo: todas as coisas nos seus sete palácios eram de seda, cetim, pérolas e ouro de 70 quilates. Ou 700. Nunca menos. Nem por hipótese.

Exageravam nas mulheres: possui, cada um, um harém de sete vezes setenta. Como possuíam sete palácios, eram sete vezes sete vezes, o que perfaz um total de 3.430 mulheres para cada mandarim. Um exagero.

Exageravam na bebida: não bebiam em copos (embora os seus fossem de ouro e prata), bebiam em baldes ou bacias. E cada sorvo secava o recipiente que ficava limpinho, brilhante, reluzente. Não precisava nem lavar. Em cada refeição esvaziavam vários tonéis que mediam sempre o triplo dos tonéis convencionais que todos nós conhecemos.

Exageravam na comida. E já se verá o porquê.

Exageravam na crueldade: matavam, de preferência, sem motivo. Havendo motivo, esquartejavam. E tudo era motivo: um olhar meio assim, uma

resposta incompleta, uma reverência insincera, um Deus lhe pague sem convicção. Tudo era motivo.

E, por isso, o povo era magro.

Mesmo assim parecia feliz. O povo magro era engenhoso. Fazia das tripas coração, tirava leite de pedra, comia o pão que o diabo amassou. E era feliz.

Mas mandarins exageravam. Um dia Kuo Min convidou os seus amigos para uma conferência reservada. Quando os três ficaram a sós, Kuo Min desatou a chorar. Chorou muitíssimo. Sete horas. Seus convidados mantiveram um silêncio respeitoso.

— “Por que choras, amado irmão?” — Perguntou Tang Kuo, que era o mais jovem dos três e o mais impaciente.

Kuo Min abriu seu coração:

— “Eu não posso suportar o rosto feliz do meu povo. Faço tudo que posso para que o povo sofra. Pra dizer a verdade, na minha frente, todos se portam bem: choram, tremem, suam, gaguejam, tropeçam, ajoelham-se, rezam, pedem, imploram. Na minha frente, tudo bem. Tudo dor e lágrimas. Tudo joia. Mas, quando me escondo atrás das portas, eu vejo que o povo sorri. Brincam. Gracejam. Beijam-se e abraçam-se. Alguns até gritam de felicidade. E esses gritos de alegria arrancam gritos de ódio do meu coração. Eu sofro, meus irmãos. Um sorriso no rosto do meu povo causa-me uma dor profunda e sincera. Não posso ver ninguém feliz. E faço tudo para desgraçar a todos. E não consigo. Me sinto impotente. Miserável...”

Quando terminou estas palavras ergueu os olhos rasos de lágrimas e verificou com espanto que os outros dois mandarins tinham os olhos

cheios d'água e logo explodiram em convulsos soluços, quase gritos de desespero. Os outros dois confessaram que sentiam o mesmo.

Depois de várias horas em que o pranto mais desolador foi interrompido duas vezes (para o almoço e para a ceia), Min Tang, que era o mais velho e o mais sábio, filosoficamente ponderou: — “Temos que fazer alguma coisa”.

E em seguida contou que também eles sofriam terrivelmente do mesmo mal: faziam todo o mal que podiam aos seus respectivos povos que, no entanto, eram felizes. No entanto, sorriam. No entanto, se amavam. No entanto, procriavam.

Ficaram fechados na sala de conferências tentando inventar um processo terrível para extirpar de uma vez por todas o sorriso da cara do povo. Cada qual pensou o processo mais cruel, mais doloroso, mais letal. Porém esbarravam sempre num pormenor.

— “O excesso de dor pode levar à morte, e a morte do povo não nos convém...” — ponderava o mais sábio, o velho Ming Tang. “O povo faz-nos muita falta, se nos falta...”

Tang Kuo teve uma ideia:

— “Vamos fazer assim: vamos convidar nossos povos para que se reúnam na praça neste fim de mês, para que recebam, como prêmio do seu trabalho, a maior honraria: vamos convidar nossos povos para um grande e lauto banquete...”

— “Vão sorrir com os dentes ainda mais escancarados...” — lamentou-se Kuo Min. O jovem mandarim prosseguiu:

— “E nós então fazemos assim; preparamos um maravilhoso banquete só com crustáceos e moluscos: mexilhões, estrelas do mar, ostras, lagostas, *coquilles* Saint Jacques, e todas as conchas. No dia combinado armaremos uma grande mesa de vários quilômetros. Convidaremos o povo a comer. Mas antes comeremos tudo e só lhes deixaremos as conchas, as cascas, as garras secas e duras, o incomível. O sorriso do rosto do povo se transformará num esgar de espanto.

Os três ficaram muito felizes e contentes com essa ideia maravilhosa. Finalmente poderiam encarar o povo, cara a cara, sem o perigo de vê-lo sorrir.

Durante os dias que faltavam para o grande banquete, os arautos proclamavam pelos povoados o convite do mandarim. O povo mal podia acreditar. Mas obedeceu ao convite. E no dia aprazado, os três povos e servos dos três mandarins reuniram-se na praça do palácio de Kuo Min. Dentro, na enorme sala de ceias, os três mandarins se empanturravam. E fora, o povo esperava. Até que se abriram as portas, par em par. E o povo foi convidado ao festim: conchas vazias, presas afiadas, cascas, estrelas sem carne e sem vida.

O povo ficou profundamente triste e os três mandarins gulosos se regozijaram, e rindo e cantando e bebendo se retiraram aos seus aposentos para dormir a merecida sesta depois de tanto esforço mandibular.

E o povo ficou em volta da mesa. Um mais desesperado cravou os dentes numa ostra e partiu um molar. Outro mais faminto quis quebrar a ponta de uma estrela e sangrou a boca. Antes de se retirar, Kuo Min deu uma ordem: — “Quando eu despertar quero que todos os pratos estejam limpos: aqui não pode sobrar nenhum bigode de camarão”.

E quando acordaram, os três mandarins foram correndo ver o que restava do banquete marinho: nada. Todos os pratos reluzentes.

— “Será que comeram tudo? — perguntaram boquiabertos e felizes pensando na infelicidade do povo.

Foram até a janela e viram, com horror, que o povo cantava e bailava. Parecia um verdadeiro carnaval. E estavam todos fantasiados: colares de concha, coroas de estrelas e peixe espada.

Até que Min Tang teve uma ideia:

— “O menu estava errado: devíamos ter comido todas as carnes, porco, vaca, frango, paca, tatu, cotia, veado, serpente, cavalo, macaco, águia, perdiz, codorna, pato, marreco, pomba-rolé e juriti. Devíamos ter comido tudo e deixado só os ossos, os dentes, as vértebras”.

— “Assim faremos!” — concordaram os outros dois, mais animados.

Os arautos cantaram em todas as praças de todos os povoados, intimando o povo a obedecer ao novo convite. Dessa vez o banquete foi oferecido por Min Tang, porque era sua a ideia do novo menu. Outra vez veio o povo desconfiado, outra vez esperou na praça, outra vez as portas se abriram, outra vez de par em par, outra vez ouviram:

— “Quando eu despertar quero que todos os pratos estejam limpos!” — Disse a voz dura e autoritária de Min Tang. — “Aqui não pode sobrar nenhum dente de porco, nem uma unha de águia, nem um bico de galinha!”

Outra vez se retiraram alegres, contentes, pensando na tristeza futura, no rosto triste do povo.

Outra vez se despertaram depois de três dias de sono, outra vez foram ver os pratos. — vazios! — outra vez foram às janelas ver na praça o povo cantando feliz. Parecia um verdadeiro carnaval. Era um carnaval: estavam todos se penteando com pentes de ossos, tinham nas mãos facas feitas de fêmures, botões feitos de tíbias.

Outra vez as lágrimas inundaram os olhos dos três mandarins gulosos que não podiam suportar o sorriso no rosto do povo. E pela terceira vez pensou-se em como extirpá-lo. Foi a vez de Kuo Min:

— “O menu estava errado. Vamos mudar tudo! Só frutas: ananases, frutas-do-conde, muito caroço, pitanga, mamão.”

Pela terceira vez, os mesmos arautos repetiram a mesma proclama, ordenaram o mesmo convite: todos à praça, à espera do banquete. Foi a vez de Kuo Min. No seu palácio se reuniram. À volta da sua mesa de vários quilômetros se sentaram. Comeram todas as frutas desde a humilde jabuticaba até a aparatosa. Passando por mangas, peras e maçãs, peros, ananases, abacates, abricós, cerejas.

Comeram tudo. Deixaram caroços e cascas. E puseram-se a chorar. Compreendiam que o povo não se deixaria derrotar. O engenho do povo era bem capaz de continuar inventando, era bem capaz

de encontrar serventia para caroços e cascas.

Choraram muito e pensaram:

— “É melhor que a gente coma também as cascas e os caroços.”

Dito e feito: comeram. Deixaram limpos os pratos. Limpos e reluzentes. E mandaram dispersar o povo, que se dispersou em silêncio. E começaram a sentir três terríveis dores de barriga. Monstruosas. As latrinas do palácio (que eram sete vezes maiores que as nossas bem conhecidas e convencionais latrinas cotidianas) foram insuficientes. Atendendo a uma sugestão de Min Tang, que era o mais velho e mais sábio, os três mandarins sentaram-se nos parapecitos das janelas que davam para a praça e defecaram com profunda convicção durante sete vezes setenta horas. Seus estômagos ficaram vazios como os pratos do banquete mas a praça, ao contrário, ficou inundada. Os três mandarins gulosos vestiram seus garbosos trajes de cetim e seda cravejados de brilhantes, costurados com fios de ouro e contemplaram aquela outrora praça e agora mar. Mar de merda.

E puseram-se a chorar porque pensaram que o povo não se deixaria derrotar. E que durante a noite viria furtivo, escondido, e algo faria com aquele mar amarelo, e verde, e preto, e até um pouco vermelho de algum sangue, tamanho fora o esforço.

Contemplavam a praça-mar e choravam de raiva.

Até que o mandarim mais velho e mais sábio, o guloso Min Tang pensou assim:

— “Meus irmãos: nada nos poderá deter. Se é verdade que queremos arrancar de uma vez por todas o sorriso da cara do povo, não temos mais remédio. Temos que comer tudo isso que aí está.”

Os outros dois aquiesceram: essa seria sim a única maneira de consegui-lo. Eram gulosos e nada os detinha. Queriam arrancar o sorriso do rosto do povo e haviam de consegui-lo, taparam os narizes e atiraram-se resolutos campeões de natação nas águas de uma piscina. Mas calcularam

mal o volume. Havia mais merda do que pensaram. Mergulharam e não deu pé. Afogaram-se. Morreram.

No dia seguinte pela manhã o povo ia acudir

à praça mas deteve-se distante. Até que os arautos informaram a infausta novidade. E a infausta nova trouxe ainda mais alegria ao rosto do povo que não se deixava derrotar. ☆